

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**UMA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DAS IDEIAS A PARTIR DO ESTUDO DA
MATERIALIDADE LINGUÍSTICA NAS GRAMÁTICAS DO ESPANHOL COMO
L.E.**

Ivani Cristina Silva Fernandes
icrisifer@yahoo.es

Doutora

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Atualmente, o campo da História das Ideias nos proporciona várias indagações referentes a como a materialidade linguística constrói os sentidos e representa as perspectivas do sujeito na / pela língua. Trabalhar com esse campo implica desenvolver pesquisas pertinentes à Análise do Discurso, uma vez que o político, o ideológico e o discursivo são termos essenciais para desenvolver teorias e formular hipóteses que nos auxiliem a compreender a interação de elementos linguísticos na percepção dos sentidos implícitos na linguagem.

Mais que uma questão de âmbito histórico, a História das Ideias é uma questão transdisciplinar relacionada à Linguística e, como tal, também deve estar presente nas reflexões realizadas na área de Linguística Aplicada. De fato, existem vários trabalhos que analisam gramáticas de língua portuguesa e seu contexto de produção com a finalidade de construir uma História das Ideias Linguísticas no Brasil. Não é apenas um movimento retrospectivo, mais também uma forma de entendimento de uma determinada problemática enunciativa-discursiva e uma projeção de desdobramentos possíveis que tal problemática pode tomar.

Em especial no século XX, se discute a História relacionada à subjetividade linguística, isto é, como o sujeito, através da linguagem, interpreta, elabora e (re)constrói uma determinada realidade social para a posteridade. Portanto, concordamos com Auroux (1989 Apud Lopes Fávero y Molina 2006: 24) quando define a História das Ideias como “todo saber construído em torno de uma língua, num dado momento, como produto quer de uma reflexão metalingüística, quer de uma atividade metalingüística não explícitada”. Desta maneira, textos e discursos de vários campos e diversos objetivos se transformam em fontes de documentação em que o pesquisador busca identificar

peculiaridades linguísticas, enunciativas e discursivas que lhe auxiliem a esboçar um conjunto histórico representativo de uma certa época e contextualizado ideologicamente.

Na obra *Domínios da História* (Cardoso e Vainfas, 1997), Falcon perfila um panorama sobre a História das Ideias. Segundo este pesquisador, a pluralidade disciplinar e conceitual é a marca desse campo que se define paulatinamente a partir da perspectiva de que a ideia não é uma representação (signo), mas sim um processo. Portanto, no texto escrito se desvelam enunciados reativos, isto é, enunciados que discutem e interpelam outras vozes. Desta maneira, podemos conceber a História das Ideias como um microcosmo polifônico em que se articulam estruturalmente o passado e o presente através de um discurso.

Falcon ainda lembra que não existe no Brasil uma firme tradição historiográfica na História das Ideias. Existe sim uma tendência ao aumento de trabalhos relacionados com a Histórica Social das Ideias e a Histórica Intelectual. No entanto, estes estudos ainda se encontram dispersos em várias áreas. Por outro lado, muitas vezes os historiadores costumam não reconhecer estudos pertencentes à História das Ideias realizados por pesquisadores de outros campos das ciências sociais e humanas.

A maioria das produções deste tipo de trabalho se dá através de Congressos e Encontros com temáticas referentes a este tema ou por meio de Programas de Pós-Graduação. Diante de tal contexto, deduzimos que hipóteses, descobertas e indagações realizadas na História das Ideias ainda circulam em um círculo restrito.

Por conseguinte, é essencial que se divulgue essa área e os resultados de trabalhos sejam discutidos pela comunidade acadêmica, uma vez que todo campo de conhecimento tem uma história e, através da mesma, se pode compreender o presente e esboçar possíveis caminhos para o futuro de cada área. Além disso, entender a História e a dinâmica dos sujeitos que participam nesse contexto nos auxilia a ampliar perspectivas e a motivar questões importantes sobre a relação do sujeito com o conhecimento no esboço da sua identidade.

Um dos principais movimentos de divulgação seria trazer o debate para os cursos de graduação, em especial, aqueles que se relacionam diretamente com a construção do conhecimento, como é o caso do curso de Letras. Inclusive porque esses cursos fazem parte da História da Linguística que se está construindo nesse momento e, portanto, os alunos e os professores são agentes históricos que orientarão as futuras abordagens.

Tal problemática se torna mais complexa se pensamos no âmbito da interface língua materna e língua estrangeira, posto que os sujeitos precisam refletir sobre o seu contexto linguístico, social e histórico a partir de uma visão deslocada pela problemática da aprendizagem da língua do Outro. Esse movimento de deslocamento alcança vários aspectos relacionados com a compreensão sobre o que é aprender uma língua e, entre eles, se apresenta a questão do ensino da gramática.

Já existem algumas obras cuja temática se centra na abordagem da gramática em sala de aula, seja em língua materna, seja em língua estrangeira. Independentemente dos itens discutidos, a maioria coincide em tentar definir as várias acepções do termo gramática. Considerando esse ponto de

vista, é possível entender a gramática como muito mais que uma obra de consulta ou um conjunto de normas. Aliás, segundo Antunes (2007), podemos encontrar cinco definições desse termo:

- um conjunto de regras que define o funcionamento de determinada língua;
- um conjunto de regras que define o funcionamento de determinada norma;
- uma perspectiva de estudo;
- uma disciplina;
- uma obra de consulta.

Analisando as definições anteriores, podemos concluir que, em última instância, são produtos de “ramificações” de uma determinada perspectiva histórica sobre o mesmo objeto, realizados por sujeitos que se inserem em um contexto social e ideológico. Ter a consciência deste quadro já seria um sólido ponto de partida para promover questionamentos sobre como interagem estas diversas perspectivas no ensino / aprendizagem linguístico.

Acreditamos que se devem analisar todas essas dimensões da gramática no curso de Letras, mas não necessariamente em disciplinas voltadas para o estudo da História das Ideias, mas sim integradas nas aulas de fundamentos gramaticais, quer seja em língua materna, quer seja em língua estrangeira. Diante dessa afirmação, surgem dúvidas quanto ao processo de implementação dessa proposta. Até que ponto é possível e coerente empregar os conhecimentos recém-adquiridos da História das Ideias Linguísticas nas aulas de língua estrangeira? Em quais momentos e para quem é viável trabalhar a partir desta perspectiva?

Embora esse ponto de vista implique discussões mais aprofundadas, advogamos que é necessário iniciar um trabalho para introduzir a História das Ideias conjugada ao ensino dos fundamentos gramaticais em língua estrangeira, no nosso caso, aspectos gramaticais em Língua Espanhola.

Em primeiro lugar, os futuros professores e pesquisadores em língua espanhola devem possuir pelo menos uma noção sobre as planificações e políticas linguísticas que acompanham e acompanham a língua, posto que isso auxilia a entender a coerência da obra: da nomenclatura e organização até à elaboração de definições. Além disso, como já mencionados, eles próprios são agentes históricos e necessitam ter consciência que estão inseridos nesse processo.

Em segundo lugar, tradicionalmente visto a partir de uma perspectiva estruturalista, o ensino de gramática tem passado por diversas mudanças e hoje se busca abordar as questões gramaticais dentro de uma Gramática de Texto, embora muitas vezes isso se limite, de forma errônea, a usar o texto como modo de apresentação de um problema que será examinado estritamente do ponto de vista do estruturalismo.

Essa prática se acentua nas classes de uma língua estrangeira, apesar do emprego constante de abordagens ditas “comunicativas”, em especial, nas abordagens que implicam realização de tarefas. Ainda quando existam disciplinas dedicadas à discussão da História da Língua em um

determinado idioma, na maioria dos casos, este tema parece desvinculado dos problemas enfrentados para a compreensão dos aspectos gramaticais.

Assim, nos deparamos comumente com o contexto em que o professor tem um discurso relacionado com a teoria funcionalista, mas suas práticas e as obras que seus alunos possuem são de tendência estruturalista, por exemplo. Este quadro só promove uma incoerência de visões e uma das formas de modificar esta situação é permitir que os futuros professores possam reconstruir a gramática a partir de uma visão histórico-ideológica e, assim, adequar o seu discurso e o seu material à prática e aos objetivos inicialmente propostos.

Em terceiro lugar, na prática de ensino e aprendizagem, a História das Ideias encontraria um campo fértil de expansão, podendo ser mais divulgada e questionada, o que só reverteria em benefícios, pois a tendência seria o incremento de número de trabalhos de pesquisa e a consolidação da área.

Para orientar tais reflexões, pretendemos analisar comparativamente algumas gramáticas entre as mais empregadas pelos alunos nas classes de Espanhol como língua estrangeira: *Gramática de la Lengua Española* (Alarcos Lhorach, 1994), *Gramática Didáctica del Español* (Gómez Torrego, 1997), *Gramática Comunicativa del Español: de la lengua a la idea / Tomo I* (Matte Bon, 1992) e *Gramática y Práctica de Español para brasileños* (Fanjul, 2005). Nossa meta é promover o questionamento sobre a forma como está organizada a materialidade linguística, os possíveis motivos de tal organização e as implicações disto na aprendizagem.

Dados os propósitos deste trabalho, os pontos abordados serão relativos à organização e apresentação de alguns pontos gramaticais. Pensamos que as diferenças e semelhanças entre tais obras podem ser importantes materiais para a discussão sobre como o contexto histórico-ideológico pode moldar a elaboração de um conceito gramatical. Não identificar essas características na materialidade linguística de uma gramática pode prejudicar a aprendizagem de uma língua e incentivar a reprodução mecânica de conceitos sem avaliar a situação que se apresenta em sala de aula.

O primeiro aspecto a ser abordado se refere à organização dos sumários /índices das obras. Após uma sucinta análise, percebemos que os mesmos representam mais que uma escolha fortuita de sistematização. Na *Gramática de la Lengua Española*, apresenta-se uma divisão clássica: Fonologia Morfologia e Sintaxe. Tais classificações se referem às hierarquizações dos fenômenos fonéticos, das formações e classificações do léxico e da combinação de sintagmas nas orações. A noção de língua que se apreende dessa organização é a de um sistema estruturado, descrito e depurado através da gramática.

De similar organização, a *Gramática Didáctica del Español* apresenta uma preocupação em explicitar como se enfoca o conhecimento de determinada área em cada capítulo da obra. Também notamos que há um cuidado com a assimilação do tema tratado, já que existem exercícios e suas respectivas soluções, de tendência conceitual-estrutural.

Por outro lado, de enfoque descritivo-funcional para o público de falantes não nativos, o índice da *Gramática Comunicativa del Español* não se organiza mediante a sistematização de áreas clássicas da Lingüística, mas sim a partir de blocos de temas morfológicos, priorizando os verbos. Esta apresentação explicita o papel da Pragmática na concepção da língua. O funcionamento das classes de palavras orienta as agrupações de várias classes gramaticais em um mesmo capítulo.

Por último, com objetivos muito definidos, a *Gramática y Práctica de Español para brasileños* mostra uma tendência contrastiva (espanhol / português brasileiro) para um público específico. Concebida como um manual de consulta rápida e, ao mesmo tempo ampla, os temas se estruturam por ordem de dificuldade gramático-funcional a partir do ponto de vista do estudante brasileiro. Os assuntos são tratados de forma sistemática, comparativa e funcional, além de acompanhar exercícios (e suas soluções) de matiz estrutural-funcional.

O segundo aspecto que ressaltamos é com relação às definições. *Grosso modo*, elas tendem a explicações sintáticas quando enfatiza o sistema ou explicações semânticas quando se pretende focar o funcionamento. A título de exemplo, recuperamos o conceito de substantivo:

Definición de sustantivo			
Gramática de la L.E.	Gramática Didáctica	Gramática Comunicativa (Tomo I)	Gramática y Práctica
“Es sustantivo toda la palabra capaz de cumplir en los enunciados llamados oraciones (...) la función de sujeto explícito (por ejemplo, <i>Sale humo, Pasan coches</i>) o la de objeto directo (por ejemplo, <i>Hay humo, Había coches [...]</i>) sin necesidad de ningún otro elemento” (2004: 60).	“Tradicionalmente, el sustantivo se ha definido como una palabra que sirve para designar personas, animales o cosas que tienen existencia independiente, ya en la realidad, ya por abstracción. Esta concepción no tiene en cuenta los aspectos formales, sino que se apoya exclusivamente en criterios semánticos” (2002: 32).	“Se llaman sustantivo aquellas palabras que sirven para nombrar seres, objetos o entidades concretas o abstractas” (1998: 173).	“El género suele estar marcado por la terminación del sustantivo” (2005: 14). * En esa obra, no hay un capítulo específico sobre el sustantivo.

Como podemos observar indiretamente, tais aspectos orientam à discussão de questões como a de autoria e a de concepção dos instrumentos linguísticos. Tais temas são abordados na História das Ideias e, assim, deduzimos que a conjunção entre esse campo e os fundamentos gramaticais não só propicia a aprendizagem dos conhecimentos gramaticais de maneira reflexiva, mas também gera motivação para a análise discursiva e para a consciente produção do conhecimento como processo dinâmico de reelaboração dos sentidos a partir da relação entre o sujeito e a língua.

Ao poder questionar e buscar a compreensão dos processos teóricos que estão implícitos na estrutura e na materialidade linguística das obras gramaticais, o futuro professor se colocará no lugar de sujeito ativo, uma vez que terá que analisar criticamente as gramáticas e manuais que emprega e adequar estes instrumentos a seus propósitos e aos dos discentes. Além disso, ao comparar as peculiaridades da produção do conhecimento linguístico na língua materna e na língua estrangeira, o sujeito terá a oportunidade de refletir sobre a problemática da relação entre definição de língua e suas representações no contexto sócio-histórico.

Com base nas considerações aqui apresentadas, defendemos a realização da análise da materialidade linguística e da estruturação das gramáticas como prática indispensável nas disciplinas relacionadas aos fundamentos gramaticais nos cursos de Letras. Tal prática incentivaria a postura crítica dos futuros professores e a expansão dos estudos relativos à História das Ideias, auxiliando na consolidação dessa área no cenário da pesquisa acadêmica.

Esperamos que as propostas apresentadas, embora de caráter inicial, possam motivar discussões sobre a importância de entender a história a partir de uma perspectiva retroativa e projetiva, para construir efetivamente uma perspectiva crítica no presente.

Referências bibliográficas.

- ANTUNES, I. (2007). *Muito além da gramática*. São Paulo: Parábola.
- CARDOSO, C. F.; VAINFANS (orgs.) (1997). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. :Campus.
- FANJUL, A. (org.) (2006). *Gramática y práctica de español para brasileños*. São Paulo: Santillana.
- FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. (2006). *As concepções lingüísticas no século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- LLORACH, E. A. (1999). *Gramática de la lengua española. Real Academia Española*. Madrid: Espasa Calpe.
- MATTE BON, F. (1999). *Gramática comunicativa del español. Tomos I*. Madrid: Edelsa.
- NEBRIJA, A. (1992). *Gramática castellana* (Introducción y notas: Miguel Ángel Esparza & Ramón Sarmiento). Madrid: Fundación Antonio de Nebrija.
- NEVES, M. H. M. (2004). *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- TORREGO, L. G. (1997). *Gramática Didáctica del Español*. Madrid: SM.